

A DESCOBERTA DA POROSIDADE

“A porosidade é a lei inesgotável dessa vida, a ser redescoberta.”

Walter Benjamin

Em 1924, Walter Benjamin visita Nápoles e descobre uma arquitetura porosa como as rochas. Dupla porosidade: do espaço, onde cada atitude privada é “inundada por correntes de vida comunitária”, os balcões, janelas, portões, escadas e telhados “são ao mesmo tempo palco e camarote”; e porosidade do tempo, pois “há um grão de domingo em cada dia da semana”. No Pedregulho, Luiza Baldan redescobre uma de suas leis. Se deixa a porta do apartamento aberta é porque “está para conversa”, pode ser convidada a brincar na varanda com as crianças e a participar do churrasco com os vizinhos. O contrário é dar mostras de solidão – e isso, provavelmente, não é coisa que se faça.

Não há interiores alheios nas fotografias de Luiza. Apenas este, do apartamento onde viveu D. Leda com seus cachorros de porcelana. O maior de todos, de pelúcia, espreita junto à porta do quarto a chegada da nova residente. A luz verde toma conta do ambiente: “pode entrar”.

A chegada é delicada.

Primeira porosidade da fotografia: a ausência que ela faz presente, o desaparecimento que torna recente. A cortina de plástico rosa, translúcida, nos remete a esta permeabilidade particular, capaz de impregnar de vivência até o mais kitsch dos objetos de cena. A fotografia é este vaso de girassóis, igualmente plásticos: uma natureza-morta sempre-viva. Luiza escreve no seu blog: “os objetos ainda quentes, cachorros de porcelana que latem calados na estante”.

As miniaturas e os fantasmas têm algo em comum. São seres da travessia, porosos por natureza. Assim como os fantasmas habitam o limiar entre os vivos e os mortos, as miniaturas percorrem a tênue fronteira entre a infância e a vida adulta. “Tia” Luiza segue as crianças que lhe abrem os caminhos do Pedregulho.

Segunda porosidade da fotografia: ludicidade e magia. Poder de transformar o pequeno em grande, o triste em cômico. Tudo agora é troca, transformação. A câmera troca de mãos, as crianças trocam de rosto. Trocam-se imagens, lugares, balas Juquinha. Trocam-se retratos por auto-retratos.

[Todo esse movimento de trocas ironicamente mediado por uma câmera Lubitel: a velha tecnologia soviética redescobrendo as linhas do internacional-modernismo em um bairro operário tropical.]

Há um inquérito em curso nos caminhos do Pedregulho, uma questão que está sempre sendo refeita: Como pode um lugar tornar-se seu? Qualquer lugar e este lugar em particular? A artista percebe que neste prédio essa pergunta é ainda mais difícil de responder: há a cadeira de barbeiro que sempre esteve aqui, há o canto da árvore de Natal que só nessa época está lá, há um pedaço de chão onde agora não há mais nada.

Terceira porosidade da fotografia: restituição. Pois foram, de fato, duas residências: a de Luiza no apartamento 613, e a das imagens nas latências do filme e da memória. Quando os retratos retornam de seu exílio fotoquímico, o Lugar finalmente reaparece. Pedregulho redescoberto por si mesmo em sua beleza esquecida, pedra porosa diluída no habitar. A fotografia, que retorna como objeto, é a membrana-cobogó que restitui o aqui e agora da distância – esse paradoxo que só o afeto pode preencher e sustentar.

[- Agora todo mundo quer tirar fotografia: “Como o prédio é bonito!”. Os moradores se redescobrem *neo-politanos*, habitantes de uma cidade por vir]

A porosidade é a *técnica* das cidades. A imagem é a sua *teoria*.

Mauricio Lisovsky
1001.2010